O Problema Socrático e o Valor Filósofico de Sócrates Segundo Schleiermacher.

The Socratic Problem and the Philosophical Value of Socrates According to Schleiermacher.

Eduardo Freitas Nascimento
http://lattes.cnpq.br/9949877284639409

Resumo:
Este artigo possui um duplo objetivo: (I) introduzir o leitor à figura filosófica de Sócrates; e (II) defender a hipótese de que a correta compreensão do contemporâneo "Problema Socrático" exige, como passo preliminar, resgatar e interpretar adequadamente o ensaio clássico de Schleiermacher: *O valor de Sócrates como filósofo* (1818). A Seção I oferece alguns dados histórico-biográficos sobre Sócrates. Adicionalmente, ela explica o "Problema Socrático" e as dificuldades em determinar as posições filosóficas e doutrinárias que o próprio Sócrates teria defendido. A Seção II empreende-se uma análise aprofundada do conteúdo e do impacto do ensaio seminal de Friedrich Schleiermacher. Apesar de ser um trabalho antigo, esse ensaio figura entre os primeiros trabalhos a questionar a total validade histórica dos escritos de Xenofonte sobre Sócrates, propondo que uma verdadeira apreciação do valor filosófico de Sócrates só pode ser obtida por meio de uma leitura diligente e atenta dos textos de Platão e de Aristóteles. Sob essa perspectiva, Sócrates seria o precursor da busca sistemática e metódica por um fundamento seguro e sólido para a *epistēmē* (ciência).
Palavras-chave: Sócrates. Problema Socrático. Schleiermacher. Xenofonte. Platão.

Abstract:
This article has a twofold objective: (I) to introduce the reader to the philosophical figure of Socrates; and (II) to defend the hypothesis that a correct understanding of the contemporary "Socratic Problem" requires, as a preliminary step, recovering and properly interpreting Schleiermacher's article: *The value of Socrates as a Philosopher* (1818). Section I aims to offer some historical-biographical data about Socrates. Additionally, it explains the "Socratic Problem" and the difficulties in determining the philosophical and doctrinal positions that

Socrates himself might have defended. Section II engages in an in-depth analysis of the content and impact of Friedrich Schleiermacher's seminal essay. Despite being an early work, this essay is among the first works to question the complete historical validity of Xenophon's writings about Socrates, proposing that a true appreciation of Socrates' philosophical value can only be obtained through a diligent and attentive reading of Plato's and Aristotle's texts. From this perspective, Socrates would be the precursor of the systematic and methodical search for a secure and solid foundation for *epistēmē* (science).

Keywords: Socrates. Socratic Problem. Schleiermacher. Xenophon. Plato.

O Problema Socrático

Sócrates foi um filósofo ateniense que nasceu por volta de 469 a.C[1]. Ele não escreveu nenhuma linha sobre sua vida ou seus ensinamentos. Conhecemos um pouco de sua biografia a partir das contribuições literárias de outros autores, como Platão, Xenofonte, Aristófanes e Aristóteles. Sócrates era um cidadão do demo de Alopece, filho de Sofronisco, um talhador de pedras, e de Fenárete. Segundo a obra *Teeteto* de Platão, Fenárete era uma parteira[2]. Já adulto, Sócrates se

[1] Em consonância com o caráter introdutório deste trabalho, as notas de rodapé funcionam como um subsídio para o aprofundamento nos textos primários e secundários dos estudos socráticos. Buscou-se apresentar um mapeamento expressivo de comentadores sobre as temáticas abordadas, contemplando inclusive perspectivas divergentes nos debates de caráter controverso. Sempre que oportuno, inseriram-se citações diretas para ilustrar teses e argumentos de autores consagrados na literatura secundária, priorizando-se, de igual modo, a apresentação de excertos das fontes primárias para propiciar ao leitor um contato direto com os testemunhos originais sobre Sócrates.

Os dados históricos-biográficos descritos abaixo foram embasados sobretudo nos artigos de W. J. Prior (2011, cf. p. 45-46) e de L.-A. Dorion (2016, p. 36-37). Para obter mais informações sobre a biografia de Sócrates a partir da perspectiva de diversas fontes, recomendamos ao leitor toda a primeira parte do *Companion* editado por S. Ahbel-Rape e R. Kamtekar (2006). Especialmente o artigo de D. Nails (2006), ele oferece uma análise das principais obras de Platão que ajudam a entender o julgamento, a condenação e a morte de Sócrates: *Teeteto*, *Eutífron*, *Apologia* e *Críton*. Dessas obras, com certeza a *Apologia* é aquela que mais oferece detalhes sobre como se deu o processo. Sobre as complexidades históricas e filosóficas dessa obra, dois bons livros podem ser indicados: BRICKHOUSE, T. C.; SMITH, N. D. *Socrates on trial*. Princeton: Princeton University Press, 1989; e REEVE, C. D. C. *Socrates in the "Apology": An Essay on Plato's Apology of Socrates*. Indianapolis and Cambridge: Hackett Publishing Co., 1989.

[2] No *Teeteto*, Sócrates compara seu procedimento filosófico com a arte (*technē*) de sua mãe: "SO. – Então, engraçadinho, nunca ouviste que eu sou filho de Fenárete, a mais famosa e hábil parteira? TEET. – Já ouvi isso, de facto. SO. – E não ouviste que eu próprio pratico essa arte? TEET. – Nunca. SO. – Pois fica sabendo que sim. [...] Os que se associam a mim sofrem algo idêntico às mulheres que estão a dar à luz: de facto, têm dores de parto e ficam cheios de dificuldades [*aporiai*], durante noites e dias, e muito mais do que elas; mas a minha arte tem o poder de provocar esta dor e de a fazer parar. [...] Entrega-te, então à mim e àquilo que eu te perguntar, como ao filho de uma parteira, também ele hábil na arte de fazer dar à luz, e empenha-te a responder como fores capaz. E, se nessa altura, examinando alguma das coisas que tiveres dito, vier a considerá-la uma fantasia e não a verdade, e em seguida a retirar e deitar fora, não te tornes selvagem, por causa das crianças, como as que têm o primeiro filho" (*Tht*. 149a e 151a-c. Trad. Fundação Calouste Gulbenkian).

casou com Xantipa e teve três filhos[3]. Ele viveu a época gloriosa da democracia ateniense, mas também presenciou sua derrocada com a Guerra do Peloponeso, em que os atenienses e os lacedemônios se enfrentaram. Ele mesmo serviu nesta guerra como hoplita, um soldado de infantaria. Segundo os relatos, foi um soldado notável pela sua coragem: ele não teria abandonado seu posto diante da eminente derrota, preferindo enfrentar a morte do que a desonra:

> A verdade, Atenienses, é esta: quando a gente toma uma posição, seja por a considerar a melhor, seja porque tal foi a ordem do comandante, aí, na minha opinião, deve permanecer diante dos perigos, sem pesar o risco de morte ou qualquer outro, salvo o da desonra. Grave falta, Atenienses, teria cometido eu, que, em Potidéia, em Anfípolis e Délio, permaneci, como qualquer outro, no posto designado pelos chefes por vós eleitos para me comandar e ali enfrentei a morte, se, quando um deus, como eu acreditava e admitia, me mandava levar a vida de um filósofo, submetendo a provas a mim mesmo e aos outros, desertasse o meu posto por temor da morte ou de outro mal qualquer. Seria grave e então deveras com justiça me haveriam trazido ao tribunal pelo crime de não crer nos deuses, pois teria desobedecido ao oráculo por temor da morte e supondo ser sábio sem que o fosse. Com efeito, senhores, temer a morte é o mesmo que supor-se sábio quem não o é, porque é supor que sabe o que não sabe. Ninguém sabe o que é a morte, nem se, porventura, será para o homem o maior dos bens (*Ap.* 28d-29a).

Seu caráter e sua personalidade eram certamente marcantes. São elementos que explicam como Sócrates foi capaz de manter perto de si seguidores de tão grande peso, como: Euclides, fundador da Escola de Mégara; Platão, o fundador da Academia; Aristipo, fundador da escola cirenaica; Antístenes, fundador da filosofia cínica; Símias e Cebes, famosos pitagóricos; Crítias e Alcibíades, figuras políticas importantes da época, vinculadas ao governo oligárquico; e Xenofonte, um honrado soldado[4]. Por outro lado, testemunhos sugerem que sua aparência física

[3] Diógenes Laércio faz menção à possibilidade de Sócrates ter outra esposa: "Aristóteles diz que ele [Sócrates] se casou com duas esposas: sua primeira esposa foi Xantipa, pela qual ele teve um filho, Lamprocle; a segunda foi Mirto, filha de Aristeides, o justo, a qual ele desposou sem nenhum dote. Por ela, ele teve Sofronisco e Menexeno. Outros fazem de Mirto sua primeira esposa; enquanto que outros escritores, incluindo Satiros e Hieronimos de Rodes, afirmam que as duas foram suas esposas ao mesmo tempo. Porque eles dizem que os atenienses estavam com poucos homens e, desejando aumentar a população, aprovaram um decreto permitindo um cidadão a casar com uma mulher ateniense e ter filhos por outra; e isso Sócrates fez" (*D.L.* II 26. Trad. própria a partir da edição de HICKS (1959). A alcunha "D.L." se refere à obra *Vida dos filósofos eminentes*. Toda citação dela neste trabalho foi traduzida por nós para o português a partir da tradução de Hicks).

[4] Uma lista dos Socráticos é oferecida também por Diógenes Laércio: "Daqueles que o sucederam e eram chamados 'Socráticos', os principais eram Platão, Xenofonte, Antístenes e, dos dez nomes da lista tradicional, os mais distintos são Esquines, Fédon, Euclides e Aristipo" (*D.L.* II 47). É interessante notar aqui a disparidade de pensamento entre os discípulos de Sócrates. Aristipo, por exemplo, defendia a tese de que o prazer é o bem, o oposto daquilo que Platão defendia e Antístenes também. Há também Xenofonte, que, aparentemente, sequer buscava em Sócrates um mestre em filosofia, mas um mestre em assuntos práticos da vida moral, a fim de se tornar

não era tão favorável quanto seu caráter. Platão, no *Teeteto*[5], e Xenofonte, na sua obra *Banquete*[6], relatam que Sócrates tinha uma barriga grande, um nariz largo, olhos esbugalhados e lábios grossos. Ele chega a ser comparado com o sileno, da mitologia grega[7]. No diálogo *Mênon*, de Platão, Sócrates é equiparado a uma raia elétrica, tanto pela forma quanto pelo efeito: pela forma, em razão de sua face achatada; pelo efeito, em virtude de levar todos seus interlocutores à perplexidade (*aporia*)[8].

---

kalos k'agathos – "belo e bom". Alguns comentadores acreditam que essa diversidade entre os seguidores de Sócrates seria muito difícil de explicar se ele defendesse alguma doutrina positiva para além do *elenchos* (cf. PRIOR, 2011, p. 46).

Döring (2016) explica que, dos sete socráticos mais importantes citados por Diógenes Laércio, somente Aristipo parece não ter escrito nenhum diálogo socrático. Em relação ao restante, temos as obras de Platão e de Xenofonte, mas os livros de Antístenes, Esquines, Fédon e Euclides ou não existem mais, ou ainda não foram encontrados. No artigo de Döring, o leitor poderá encontrar uma ótima reconstituição do que provavelmente teria sido o conteúdo dos diálogos socráticos desses quatro autores.

[5] "TEODORO – [Apresentando Teeteto a Sócrates] É assim mesmo, Sócrates, e de certeza que te valerá muito a pena ouvir, e a mim contar-te sobre o tal jovem, vosso concidadão, que encontrei. Se fosse bonito, teria bastante receio em afirmá-lo, para que não parecesse que estava apaixonado por ele. Agora, na realidade – e não te aborreças comigo –, não é bonito, pois é parecido contigo pela forma achatada do nariz e pelos olhos salientes; só que tem estes traços mais suaves que tu" (*Tht*. 143e).

[6] No *Banquete*, quando Sócrates se referiu ao seu hábito de dançar, os interlocutores ao redor riram e ele retrucou com uma expressão grave: "Vós estais rindo de mim, não estais? É por que eu quero me exercitar para melhorar minha saúde? [...] Ou é isto que provoca o vosso riso, que eu tenho uma barriga excessivamente grande e desejo reduzi-la?" (*Smp*. II 17-19).

[7] A comparação é feita no contexto do discurso de Alcibíades, no *Banquete* de Platão. Alcibíades, de família nobre, era reconhecido por sua beleza e oratória. Destacou-se também na política (cf. BORGES, 2017, p. 112). No diálogo, o seu personagem, já embriagado, pega para si o encargo de realizar um discurso de elogio a Sócrates, que registramos, em parte, para a apreciação do leitor: "Vou louvar Sócrates, senhores, empreendendo um método por meio de imagens. Ao proceder assim, vai parecer que faço uma caricatura para expô-lo ao riso, mas estarei me valendo de imagens com vistas à verdade, não para ridicularizá-lo. Em minha opinião, ele é semelhante aos bustos dos silenos dispostos nas oficinas dos fabricantes de estátuas, os quais são talhados pelos artesãos segurando pequenas flautas ou *auloi*. Quando partidos ao meio revelam estátuas de deuses em seu interior. Penso também que ele se assemelha ao sátiro Mársias. O fato é que, caro Sócrates, pelo menos quanto à forma, assemelhas-te a estas figuras citadas, o que suponho que nem mesmo tu irás contestar. E atenta para ouvir, depois disso, tua semelhança nos demais traços. [...] E tu não és um *aulētēs* [profissional do *aulos*, instrumento musical semelhante à flauta]? Claro que és, mais impressionante do que Mársias. Este, usando seus instrumentos, costumava encantar a todos pelo poder que vinha da sua boca – e ainda hoje quem executa suas músicas provoca esse encanto. [...] Já tu, Sócrates, és diferente de Mársias apenas nisso: produzes esse mesmo efeito sem instrumentos, apenas por meros discursos. E nós, quando ouvimos alguém falando sobre um tópico qualquer, mesmo que seja um indivíduo muito bom em discursar, não se vê, por assim dizer, nenhum efeito em nós. Mas quando alguém te ouve diretamente ou escuta tuas palavras através de outra pessoa, não importa se for um orador absolutamente medíocre, o fato é que ficamos todos – mulher, homem e adolescente na mesma medida – encantados e maravilhados ao te ouvirmos. E quanto a mim, senhores, se não fosse o risco de parecer estar irremediavelmente sob efeito da bebida, eu iria, sob juramento, falar sobre como, efetivamente, fui afetado pelas palavras desse homem e de como elas ainda mexem comigo. Quando o escuto fico num frenesi mais intenso do que o dos coribantes: o coração bate e lágrimas escorrem sob o efeito de suas palavras. Noto também que muitos outros são igualmente afetados. Quando ouvia Péricles e outros bons oradores, costumava pensar que falavam bem, mas esse tipo de efeito nunca senti ouvindo-os; nem minha alma foi arrastada em confusão ou fiquei chateado pelo estado miserável de servidão a que minha vida foi submetida. Mas, sob o jugo deste Mársias aqui, muitas vezes, de fato, estive num tal estado que chegava a pensar se valia a pena ter a vida que estava levando. E isso, Sócrates, não poderás dizer que não é verdade" (*Smp*. 215a-216a. Trad. BORGES (2017)).

[8] "MÊNON – Sócrates, mesmo antes de estabelecer relações contigo, já ouvia dizer que nada fazes senão caíres tu mesmo em *aporia*, e levares também outros a cair em *aporia*. E agora, está-me parecendo, me enfeitiças e drogas, e me tens simplesmente sob completo encanto, de tal modo que me encontro repleto de *aporia*. E, se também é permitida uma pequena troça, tu me pareces, inteiramente, ser semelhante, a mais não poder, tanto pelo aspecto quanto pelo mais, à raia elétrica, aquele peixe marinho achatado. Pois tanto ela entorpece quem dela se aproxima

Sócrates foi condenado à morte pelo tribunal ateniense em 399 a.C. No dia do seu julgamento, ele tinha 70 anos. Era pai de três filhos de idade entre 1 e 17 anos. Também era pobre: seus bens eram equivalentes a cinco minas[9], a mesma quantia de dinheiro que um sofista poderia cobrar por um único curso[10]. Sócrates foi oficialmente acusado por Meleto, Ânito e Lícon de corromper a juventude e não acreditar nos deuses tradicionais da cidade, espalhando, como um vírus, essa (des)crença para seus concidadãos[11]. Ainda que seus amigos e discípulos tenham se mobilizado para ajudá-lo a fugir da prisão, Sócrates se recusou[12] e morreu bebendo veneno (cicuta, mais especificamente). Muitos o consideram um mártir da verdade[13].

Esses traços históricos e biográficos representam, em linhas gerais, os pontos de menor divergência entre os especialistas. Portanto, temos uma boa quantidade de informações seguras sobre a vida de Sócrates, sobre seus interesses filosóficos e sobre traços de seu caráter. Todavia, profundas dúvidas surgem quando se trata da integralidade de seu caráter e também do conteúdo de suas doutrinas filosóficas (aquilo que teria efetivamente defendido e ensinado).

Denominamos "Problema Socrático" justamente essa questão de saber qual era a doutrina filosófica do próprio Sócrates (histórico) e se, de fato, ele era um homem sábio e virtuoso, ou se, pelo contrário, era somente mais um retórico no quadro intelectual de Atenas. Essa questão é tida como um problema, primeiro, em razão da pequena quantidade de fontes históricas a respeito de Sócrates. Sabe-se hoje que muitos autores atenienses escreverem sobre ele, compondo obras do gênero *logos sōkratikos* – "diálogo socrático"[14] –, mas grande parte dessas

e a toca, quanto tu pareces ter-me feito agora algo desse tipo. Pois verdadeiramente eu, de minha parte, estou entorpecido, na alma e na boca, e não sei o que te responder" (*Men*. 79e-80a. Trad. Maura Iglésias).

[9] "'Por favor', perguntou Critobulo, rindo, 'quanto tu supões que sua propriedade rendaria em uma venda, Sócrates, e quanto renderia a minha?'. 'Bem, se eu achasse um bom comprador, e penso a totalidade dos meus bens e móveis, incluindo a casa, talvez se venda prontamente por cinco minas. Os teus, eu tenho certeza, renderiam mais do que cem vezes esta quantia" (Xen. *Oec*. II 3).

[10] Platão, *Ap*. 20b9. Cf. NAILS, 2006, p. 5.

[11] O conteúdo do processo contra Sócrates é também citado em *D.L.* II 40. Cf. NAILS, 2006, p. 11.

[12] Recomendamos ao leitor a leitura do diálogo *Críton*, de Platão. Nele, Críton tenta convencer Sócrates a aceitar a ajuda de seus amigos para escapar da prisão corrompendo os guardas. Críton argumenta que, se Sócrates não proceder assim, ele estaria traindo a educação dos próprios filhos, que lhe cabe ao máximo, e escolhendo o caminho fácil e covarde, ao invés do difícil e corajoso. Sócrates retruca explicando porque acredita que não se deve retribuir o mal com o mal, de modo que, se ele cometesse tal injustiça, tanto ele, quanto seus amigos, filhos e esposa, seriam prejudicados. Sócrates recorre a uma noção de *contrato* entre o indivíduo e a sociedade para explicar o motivo da fuga ser um ato intrinsecamente injusto. Neste sentido, esta sua fala se tornou marcante: "Por acaso sua sabedoria é tal que não percebe que seu país deve ser honrado mais do que sua mãe, seu pai e todos seus ancestrais? [...] É ímpio cometer violência contra sua mãe ou seu pai; é muito mais cometê-la contra o seu país" (*Cri*. 51a-d. Traduzido por nós a partir da tradução de G. M. A. Grube no *Complete Works* de COOPER (1997)).

[13] Em *Phd.* 116a-188a, Platão relata ao leitor os momentos finais de Sócrates.

[14] Não é somente Diógenes Laércio que testemunha o fato de outras pessoas terem escrito diálogos socráticos: Aristóteles se refere a tais diálogos socráticos como se fossem um gênero artístico na *Poet*. 1447b11: "Σωκρατικὸς λογός" (*Sōkratikos logos*).

obras ficaram perdidas. O segundo motivo pelo qual essa questão histórico-filosófica é tida como um problema é o fato de as fontes existentes conterem certas informações contrastantes entre si. Atualmente, temos quatro principais testemunhos sobre esse eminente filósofo: Aristófanes, um comediógrafo grego; Xenofonte, discípulo de Sócrates; Platão, que também o foi; e Aristóteles, que embora tenha nascido cerca de 15 anos depois da condenação de Sócrates, ainda assim viveu no quadro intelectual ateniense, fez parte da Academia e teve contato com os discípulos que presenciaram a prática filosófica de Sócrates[15].

Nas suas comédias, Aristófanes busca exagerar certos traços caricaturescos de Sócrates em busca do humor. Nas *Nuvens*[16], Sócrates é descrito como um homem pálido e estranho que vivia à parte da comunidade, em um local denominado *phrontisterion* ("pensatório"). Na peça, Sócrates seria o responsável pela perdição final do jovem Fidípides, filho de Estrepsíades. O comediógrafo desenvolve cenas retratando Sócrates como um filósofo materialista, sem utilidade para a *polis*, que investigava assuntos triviais, como o tamanho do pulo de uma pulga[17]. Em certo momento, Sócrates nega a existência de Zeus, divindade da religião tradicional, e se mostra devoto de outras três novas divindades: as Nuvens, o Caos e a Língua. A associação de Sócrates com o grupo dos sofistas também é reforçada quando é dito que ele era um mestre no *logos* injusto, capaz de livrar qualquer indivíduo de um processo no tribunal.

[15] Cumpre salientar que a bibliografia contemporânea, ao tratar do Problema Socrático, também confere grande peso aos fragmentos e testemunhos dos socráticos menores. Atualmente temos em espanhol uma excelente antologia da doxografia dos socráticos: MÁRSICO, C. (Org.). *Filósofos socráticos. Testimonios y fragmentos*. 2 vols. Buenos Aires: Losada, 2013-2014. Ademais, uma análise aprofundada do Problema Socrático também exigiria o contato com Isócrates, que, em *Contra os Sofistas*, faz um retrato do círculo socrático, a quem chama de *sofistas*. Outra fonte importante é a acusação póstuma a Sócrates de Polícrates (Quintiliano, *Instit. Orat.* 2 17 4), em resposta à qual o gênero *sokratikoi logoi* se estabeleceu. Por limitação de espaço, nosso texto não versará sobre essa bibliografia, limitando-se a indicar para o leitor esse frutuoso e importante campo de estudo.

[16] Aristófanes também se refere ironicamente a Sócrates em trechos da peça *Aves* e *Rãs*. Nails (2006, p. 5) afirma que, nos versos 1280-3 das *Aves*, Aristófanes foi responsável por cunhar o termo grego *sōkratein* ("socratizar"), um verbo infinitivo criado a partir do nome "Sócrates" e usado para se referir à conduta daqueles jovens de cabelos grandes que se recusavam a tomar banho e carregavam um bastão de madeira, assemelhando-se aos espartanos.

Dorion (2011, p. 26) também esclarece que, além de Aristófanes, ao menos quatro outros autores de comédia produziram peças que ridicularizavam Sócrates: Ameípsias, Teleclides, Cálias e Eupolis. Temos somente pequenos fragmentos das obras desses autores. Em 423 a.C., a peça *As Nuvens* de Aristófanes ganhou o terceiro prêmio no concurso das Grandes Dionísias, enquanto que Ameípsias ganhou o segundo prêmio com a peça *Konnos*, nome do professor que dava aula de cítara para Sócrates. Platão, na *Apologia*, relata que essas comédias foram responsáveis por gerar um quadro generalizado de calúnias contra a figura do seu mestre.

[17] "DISCÍPULO [de Sócrates] – Muito bem, lembre-se, porém, que essas coisas são mistérios sagrados e devem ser mantidas em segredo. Agora há pouco, Sócrates perguntou a Querefonte quantos pés uma pulga poderia pular, calculando a equação de uma pulga pé por pé. Essa questão veio à mente de Querefonte, pois a pulga em questão tinha acabado de morder sua sobrancelha e pular para a cabeça de Sócrates. ESTREPSÍADES – Como ele mediu a distância? DISC. – De maneira muito hábil. Ele mergulhou os pés da pulga em uma cera derretida e, quando ela secou, ele cuidadosamente removeu o molde, produzindo um par de botas persas em miniatura. Ele estava a meio caminho de medir a distância quanto tu... ESTREP. – Ó grande Zeus! Que delicado, que sutil intelecto!" (*Nu*. vv. 142 ss. Tradução livre, feita a partir da de Peter Meineck).

Por ser caricaturesco, muitos estudiosos rejeitam a perspectiva de Aristófanes sobre quem foi Sócrates. Suas comédias seriam, na verdade, uma reverberação da visão vigente em Atenas sobre os filósofos. Sócrates seria, então, um mero símbolo deste grupo[18]. Outros estudiosos, entretanto, não se sentem confortáveis em negar a historicidade do testemunho de Aristófanes[19]. Dentre outros motivos, eles apontam que suas peças seriam os únicos escritos contemporâneos ao próprio Sócrates (os demais escritos foram redigidos *post mortem*) e que o efeito humorístico só seria bem aceito se estivesse embasado, ao menos um pouco, na realidade. Assim, esses *scholars* propõem que Aristófanes relata somente uma fase da vida de Sócrates, uma primeira etapa do seu empreendimento filosófico. De certo modo, essa proposta de leitura se adequa à seção da "Autobiografia de Sócrates" no *Fédon* (95e-99d), na qual Platão explica que, em um primeiro momento, Sócrates se interessou por questões relativas à natureza e se aproximou das propostas teóricas de Anaxágoras. Segundo esses estudiosos, Diógenes Laércio confirmaria essa visão ao afirmar que Sócrates foi inicialmente um aluno de Arquelau e Anaxágoras (cf. *D.L.* II 19)[20].

Por outro lado, Xenofonte e Platão tentam defender a figura de Sócrates dessas supostas "calúnias". Xenofonte traz, no conjunto da sua obra, um retrato tradicional de Sócrates que foi bastante influente até o início do século XIX. Segundo Xenofonte, Sócrates seguia a piedade tradicional da cidade e valorizava sobremaneira o conceito de *honra*. Ele tinha um certo *daimonion* que lhe acompanhava e sugeria, para ele e seus amigos, não somente o que não fazer, mas também o que fazer. Na perspectiva ética, seu foco era no conceito de *enkrateia* – "domínio de si mesmo". Xenofonte apresenta Sócrates como o homem de maior domínio de si e as falas

[18] Dover (1968) defende este ponto: que a peça de Aristófanes apresenta um personagem Sócrates que é uma mistura dos intelectuais da época. Nails (cf. 2006, p. 13) e Prior (2011, p. 41) concordam. Brickhouse e Smith também são enfáticos nesta tese (2000, p. 35), embora reiterem o fato de que a leitura de Aristófanes pode ser reveladora para os estudos sobre o desenvolvimento intelectual de Sócrates.

[19] Dorion (2011, p. 30) menciona essa posição, embora não concorde com ela. O *scholar* Paul Vander Waerdt (1998), professor de Filosofia e Estudos Clássicos na Duke University, defende esse posicionamento. No seu artigo, ele discorda profundamente da ideia, defendida por Dover (1968) e outros autores, de que o Sócrates das *Nuvens* seja um compósito dos diversos intelectuais da época. Pelo contrário: Waerdt argumenta que Aristófanes construiu um personagem com características individuais de Sócrates (cf. 1988, p. 58-60). O comentador busca resgatar a importância de Xenofonte e, sobretudo, de Aristófanes na reconstrução da filosofia socrática: "[...] eu irei argumentar que *As Nuvens*, quando lida com o cuidado e atenção, ilumina o estágio pré-socrático do desenvolvimento filosófico de Sócrates, o que corresponde de perto à explicação da 'primeira navegação' descrita no *Fédon* de Platão e, assim, fornece evidências importantes para aumentar nossas escassas fontes sobre a biografia intelectual de Sócrates" (WAERDT, 1988, p. 51. Tradução própria). Waerdt cita também o Prof. A. E. Taylor, que categoriza *As Nuvens* como "um dos mais preciosos documentos para o estudo do desenvolvimento do pensamento filosófico grego" (TAYLOR, A. E. "The *Phrontisterion*". In: *Varia Socratica*. Oxford: Saint Andrews University Publications, 1991. p. 129. Citado por WAERDT, 1988, p. 51, n. 11).

[20] Sobre a caracterização de Sócrates por Aristófanes, as duas posições descritas não são exaustivas na interpretação do problema. Para mais detalhes, aludimos o leitor ao trabalho Alencar (2013).

de Sócrates indicam que o domínio das próprias paixões e impulsos são o pré-requisito de toda virtude[21].

Porém, há um certo contraste na visão que Xenofonte nos entrega a respeito de seu mestre, se compararmos com Platão. Porque Xenofonte não menciona certos aspectos que são comumente tomados como traços típicos do proceder filosófico de Sócrates, segundo Platão, tais como a profissão de ignorância e os exames refutativos (*elenchos*)[22]. Platão apresenta-nos um Sócrates que é especulativo e metódico. Completamente desinteressado por questões políticas ou relacionadas à gestão da casa (*oikonomia*), o Sócrates de Platão negava que possuía conhecimento (ao menos aqueles conhecimentos qualificados como "divinos"[23]), negava ser mestre de qualquer pessoa e tinha o hábito de submeter a exame aqueles que suponham ser sábios em alguma matéria – acreditando, inclusive, que este hábito consistia numa missão divina, dada pelo próprio deus Apolo, sendo um grande bem para a *polis* – ou melhor, o maior bem para a *polis*. Esses exames seguem um padrão argumentativo sofisticado. O fato dele estar

[21] Ver, por exemplo, este trecho de Xenofonte sobre Sócrates: "Ele educou seu corpo e sua alma seguindo um sistema que, em qualquer cálculo humano, daria a ele uma vida de confiança e segurança, e facilitaria para ele cumprir seus gastos. Porque ele era tão sóbrio que é difícil imaginar um homem trabalhar tão pouco a ponto de não receber o suficiente para satisfazer as necessidades de Sócrates. Ele comia somente a quantidade suficiente de comida para fazer do comer um prazer, e ele estava tão pronto para comer que ele considerava o apetite o melhor molho; e qualquer tipo de bebida ele achava prazeroso, porque ele bebia somente quando estava com sede. Quando aceitava um convite para um jantar, ele resistia sem dificuldade a comum tentação de exceder o limite da saciedade; e ele aconselhava aqueles que não podiam fazer o mesmo a evitar os aperitivos que lhes encorajariam a comer e beber o que eles não querem: pois esse tipo de lixo seria a ruína do estômago, do cérebro e da alma" (*Mem*. I 3 6-7). Em *Mem*. I 3 8-13, o texto de Xenofonte indica que Sócrates criticava o hábito dos homens mais velhos manterem relações com rapazes mais jovens (*erastēs* e *erōmenos*, respectivamente), apontando que isso seria um empecilho para o indivíduo chegar ao pleno domínio de si e de suas paixões. O texto do *Banquete*, de Platão, também sugere que Sócrates negava esse tipo de relação, sobretudo no discurso de Alcibíades (214e-222b), no qual o personagem relata quantas vezes tentou se aproximar amorosamente de Sócrates, mas foi rejeitado. Sobre esse tema, Xenofonte também traz uma boa contribuição: "Portanto, em matéria de apetites carnais, ele defendia que aqueles cujas paixões não estivessem sobre completo controle deveriam restringir-se a tais indulgências, assim como a alma deveria rejeitar, a não ser que a necessidade do corpo estivesse pressionando e tal [indulgência] não fizesse nenhum mal quando a necessidade estivesse lá. Quanto a sua própria conduta nesta matéria, é evidente que ele se treinou para evitar o mais justo e belo [dos jovens] mais facilmente do que outros evitariam o mais feio e repulsivo. No que concerne ao beber, ao comer e às indulgências carnais, portanto, essas eram suas visões, e ele pensava que uma porção devida de prazer não faria falta para ele tanto quanto não faria falta para aqueles que muito se dão para isso, e que muito menos problemas cairiam sobre ele" (*Mem*. I 3 14-15).

[22] Para mais informações sobre a profissão de ignorância e o *elenchos* socráticos presentes nos diálogos iniciais de Platão, sugerimos que o leitor acesse estes escritos clássicos do Prof. Vlastos: (VLASTOS, 1991, cap. 1: *Socrates irony*; cap. 4: *Elenchus and mathematics*; cap. 5: *Does Socrates cheat?*) e (VLASTOS, 1994, cap. 1: *The Socratic elenchus: method is all*; cap. 2: *Socrates' disavowal of knowledge*; cap. 3: *Is the "Socratic Fallacy" Socratic?*). Hugh H. Benson (2016) também redigiu um excelente artigo explicando certas nuanças estruturais do método refutativo de Sócrates em Platão, defendendo que ele não possui – e que Sócrates nunca pretendeu que ele possuísse – o poder epistêmico de refutar as teses adversárias. Sua função seria, pois, a de identificar um conjunto de crenças incoerentes e, assim, um domínio ético que carece de investigação.

[23] "O mais sábio dentre vós, homens, é quem, como Sócrates, compreendeu que sua sabedoria é verdadeiramente desprovida do mínimo valor" (*Ap*. 23b). Sobre o contraste entre "conhecimento humano" e "conhecimento divino" na *Apologia*, cf.: REEVE, C. D. C. *Socrates in the "Apology": An Essay on Plato's Apology of Socrates*. Indianapolis and Cambridge: Hackett Publishing Co., 1989.

munido deste método requintado, inclusive, faz com que sua profissão de ignorância se torne um tanto quanto enigmática, exigindo certos esforços interpretativos da parte dos comentadores. Além disso, enquanto que, em Xenofonte, o *daimonion* de Sócrates possui um papel positivo, na *Apologia*, Platão afirma que o seu papel é estritamente negativo: ele nunca propunha que Sócrates fizesse algo, somente lhe impedia de cometer certos equívocos, como, diz Sócrates, iniciar uma vida política pública[24]. O conceito de *enkrateia*, por sua vez, tão salientado nos escritos de Xenofonte, somente aparece com foco naquelas grandes obras como o *Fédon* e a *República*, quando Platão já evoca teses antropológicas a respeita da constituição interna do próprio homem e da natureza de sua *psuchē*.

É claro que há certas imbricações e coincidências no relato de Xenofonte e Platão. Porém, segundo Dorion, elas são superficiais. Em seu livro, ele faz uma lista "parcial" de 18 pontos de profunda discordância histórico-filosóficas entre o Sócrates de Platão e o Sócrates de Xenofonte, concluindo: "Não resta dúvida que o Sócrates^{X} [de Xenofonte] é irredutível a Sócrates^{P} [de Platão] e que suas respectivas doutrinas são irreconciliáveis" (DORION, 2011, p. 77). Isso nos deixa em uma situação desconfortável: os dois principais relatos supostamente mais confiáveis que temos a respeito de Sócrates são concordantes quanto à magnanimidade de seu caráter, mas são profundamente destoantes um do outro no que diz respeito à descrição de suas posições e métodos filosóficos – e de outros detalhes históricos. O desafio, portanto, seria elencar os critérios que serviriam para estabelecer uma assimetria na confiabilidade histórica dos dois textos, de modo que possamos identificar qual seria o retrato mais fiel.

Alguns estudiosos sugeriram que esses critérios seriam dados através de uma leitura minuciosa dos textos de Aristóteles sobre Sócrates[25]. O fato de Aristóteles não ter convivido diretamente com Sócrates parece ser positivo para alguns, pois isso implica que ele não estava comprometido nem com um ataque sistemático à figura de Sócrates, motivado por um certo

[24] "Pode parecer esquisito que eu me azafame por todo canto a dar conselhos em particular e não me abalance a subir diante da multidão para dar conselhos públicos à cidade. A razão disso em muitos lugares e ocasiões ouvistes em minhas conversas: uma inspiração que me vem de um deus ou de um gênio, da qual Meleto faz caçoada na denúncia. Isso começou na minha infância; é uma voz que se produz e, quando se produz, sempre me desvia do que vou fazer, nunca me incita. Ela é que me barra a atividade política. E barra-me, penso, com toda razão; ficai certos, Atenienses: se há muito eu me tivesse votado à política, há muito estaria morto e não teria sido nada útil a vós nem a mim mesmo. Por favor, não vos doam as verdades que digo; ninguém se pode salvar quando se opõe bravamente a vós ou a outra multidão qualquer para evitar que aconteçam na cidade tantas injustiças e ilegalidades; quem se bate deveras pela justiça deve necessariamente, para estar a salvo embora por pouco tempo, atuar em particular e não em público" (*Ap*. 31c-32a).

[25] É o caso de JOËL, K. *Der exte und der xenophontische Sokrates*. 3 vol. Berlin: R. Gaertner, 1893-1901. A descrição do Sócrates de Aristóteles pegou certos elementos emprestados do livro de Dorion (2011, p. 89-95).

repúdio generalizado à figura dos filósofos em Atenas, nem com a defesa rigorosa de Sócrates, motivada por um vínculo afetivo proveniente da relação mestre-discípulo.

Aristóteles traz certas informações a respeito de Sócrates que são muito importantes tanto para o historiador quanto para o filósofo apreciador. Segundo Aristóteles, Sócrates teria se dedicado às investigações eminentemente éticas, buscando, nesse domínio, a definição das virtudes morais. Neste sentido, Aristóteles atribui uma grande importância a Sócrates no contexto da epistemologia: "Há duas descobertas, com efeito, entre as quais se poderia, com todo direito, atribuir o mérito a Sócrates: o discurso indutivo e a definição geral, que, tanto um como a outra, estão no ponto de partida da ciência" (*Metaph*. M 4 1078b27-30). Sócrates teria um papel importante ao estabelecer uma tradição contrária aos posicionamentos mobilistas dos heraclitianos e dos protagoreanos: ele buscava a essência dos predicados morais e acreditava ser possível encontrar um método de unificação dos seus vários sentidos de atribuição.

Com certeza o dado mais importante que Aristóteles nos traz é o elemento que distinguiria Sócrates do próprio Platão: Sócrates buscava a definição das virtudes morais, mas não separava os universais nem a definição[26]. Isto quer dizer que Sócrates não é o formulador e veiculador

[26] Citaremos aqui três importantes passagens de Aristóteles sobre esse aspecto da filosofia de Sócrates. Passagem 1: "Depois da mencionada filosofia, sobreveio a obra de Platão, a qual em muitos aspectos lhes acompanha, mas possui coisas peculiares, para além da filosofia dos Itálicos. De fato, desde jovem tendo convivido primeiramente com Crátilo e com as opiniões heraclíticas, que todas as coisas sensíveis sempre estão em fluxo e que delas não há conhecimento, assim as concebeu também depois. Mas, aceitando Sócrates – que se empenhou em estudar assuntos éticos, mas nada sobre a natureza em seu todo, procurando naqueles primeiros o universal, e sendo o primeiro a demorar o pensamento nas definições – por tal razão julgou que isso se daria a respeito de outras coisas, mas não a respeito das sensíveis, dado que seria impossível haver definição comum de qualquer coisa sensível, na medida em que elas estão sempre em mudança. Assim, ele denominou os entes de tal tipo como Ideias, e julgou que todas as coisas sensíveis estavam à parte delas e por elas se designavam: por participação, as coisas múltiplas seriam homônimas às Formas" (*Metaph*. A 6 987a29-b9. Trad. Lucas Angioni).
Passagem 2: "Chegamos agora à questão das Ideias. Antes de tudo, devemos examinar a doutrina das Ideias em si, sem relacioná-la à questão da natureza dos números, mas considerando-a da maneira pela qual, no início, a conceberam aqueles que por primeiro sustentaram a existência das Ideias. A doutrina das Ideias, na mente de seus primeiros defensores, surgiu como uma consequência de sua aceitação das doutrinas heraclitianas da realidade, segundo as quais todas as coisas sensíveis estão sujeitas a um perene fluir. Portanto, se deve haver ciência e conhecimento de alguma coisa, deverão existir, além dos sensíveis, outras realidades que permaneçam imutáveis, porque das coisas sujeitas ao perene fluxo não existe ciência. Sócrates ocupou-se das virtudes éticas, e por primeiro tentou dar definições universais delas. [...] Sócrates [...] buscava a essência das coisas e com razão: de fato, ele tentava seguir o procedimento silogístico, e o princípio dos silogismos é, justamente, a essência. A dialética, naquele tempo, ainda não era forte para proceder ao exame dos contrários independentemente da essência, e estabelecer se a mesma ciência trata dos contrários. Com efeito, duas são as descobertas que se podem atribuir com razão a Sócrates: os raciocínios indutivos e a definição universal: estas descobertas constituem a base da ciência. Sócrates não afirmou as definições e os universais separados das coisas; mas os outros pensadores o fizeram, e a essas realidades deram o nome de Ideias" (*Metaph*. M 4 1078b9-32. Trad. Giovanni Reale).
Passagem 3: "Eles consideram as Ideias como universais e, além disso, como substâncias separadas e individuais. Mas já demonstramos acima que isso é impossível. A razão pela qual os filósofos que defendem as Ideias como substâncias universais reuniram na mesma realidade essas duas características opostas consiste em que eles não as consideravam como substâncias idênticas às coisas sensíveis. De fato, eles pensavam que, no âmbito do sensível,

da doutrina das Formas inteligíveis que se encontra nos grandes diálogos de Platão, como *Fédon*, o *Banquete* e a *República*.

Esse testemunho aristotélico foi um dos grandes responsáveis por estabelecer uma linha bastante frutuosa de interpretação dos diálogos platônicos[27]. Para os adeptos dessa corrente, os diálogos socráticos de Platão, produzidos no início de sua carreira filosófica, não contêm qualquer elemento que, em si, indique uma doutrina das Formas inteligíveis. Esses diálogos teriam sido escritos em um período muito próximo da morte de Sócrates, e Platão, ainda sob forte influência de seu mestre, queria eternizar os ensinamentos de Sócrates nos seus escritos. Por isso, o método utilizado era eminentemente refutativo (o *elenchos*), pois teria sido esse o proceder sistemático que o próprio Sócrates utilizou ao abordar seus interlocutores. Porém, na medida em que Platão foi obtendo autonomia intelectual e desenvolvendo seu pensamento, suas obras pararam de ser um veículo dos ensinamentos de seu mestre e passaram a expor as teses e os raciocínios que ele mesmo estava desenvolvendo, sobretudo no que diz respeito à teoria das Formas. Um diálogo como o *Mênon* possuiria uma natureza intermediária, pois conteria o método de refutação usado por Sócrates ao mesmo tempo que faria um primeiro esboço da doutrina da reminiscência.

Contudo, diante das incertezas e dúvidas a respeito da figura de Sócrates, o testemunho de Aristóteles ainda é limitado, no sentido de ser pouco abrangente. É verdade que Aristóteles serviria como um critério para definir que a doutrina das Formas não pertence a Sócrates e que ele teria se engajado em uma investigação de natureza ética e lógica em busca das definições. Neste sentido, as descrições de Platão a respeito de seu mestre seriam mais fidedignas que as de Xenofonte, que sequer menciona o interesse de Sócrates por esse exame de ordem filosófica e conceitual. Porém, Aristóteles não se manifesta a respeito de uma gama de assuntos importantes como: a relação de Sócrates com o seu *daimōn*; a importância do conceito de *enkrateia* na perspectiva ética; a compreensão de Sócrates da piedade tradicional; o método lógico-refutativo de Sócrates (*elenchos*); se Sócrates se envolveu efetivamente com os debates

as coisas particulares estavam sujeitas ao contínuo fluir e que nenhuma delas permanecia, e portanto, pensavam que o universal existia separado das coisas particulares e que era algo diferente delas. Como já dissemos anteriormente, esse modo de raciocinar foi iniciado por Sócrates mediante as definições; Sócrates, porém, não separava as definições das coisas particulares. E ele tinha plena razão nisso" (*Metaph*. M 9 1086a33-b5. Trad. Giovanni Reale).

[27] Aludimos ao artigo de Kraut (2013) para uma introdução e defesa dessa abordagem. O artigo de Terry Penner (2013) no mesmo *companion* também advoga em favor da mesma tese. Outro exemplo clássico dessa abordagem desenvolvimentista é Vlastos (1991, cap. 2-4).

políticos; como Sócrates interpretaria o enunciado "Conhece-te a ti mesmo"; se Sócrates defendeu ou não a tese "Deve-se fazer bem aos amigos e mal aos inimigos"[28] – enquanto Xenofonte coloca essa tese na boca de Sócrates[29], o relato de Platão sugere que Sócrates seria completamente avesso a ela, defendendo, na verdade, que mais vale a pena sofrer a injustiça, do que cometer injustiça contra alguma pessoa[30]. São todas questões importantes para um estudo histórico de Sócrates, mas que não transparecem nos escritos de Aristóteles, em que se predomina as tratativas de ordem filosófica e dialética.

Além disso, alguns comentadores criticaram a posição de Aristóteles enquanto fonte independente se embasando sobretudo em duas razões: primeiro, eles afirmam que toda a informação que Aristóteles possui a respeito de Sócrates provém, em última instância, do contato com os diálogos platônicos, de modo que, se a historicidade do relato de Platão a respeito de Sócrates está em xeque, também estaria em xeque o relato de Aristóteles. Usar Aristóteles para definir qual das duas fontes deve ser priorizada, Xenofonte ou Platão, seria já admitir, no princípio, a prioridade do relato platônico. Segundo, como parte do testemunho aristotélico envolve uma crítica a uma posição ética de Sócrates – a saber, à tese de que a virtude é um conhecimento –, alguns intérpretes acreditam que os comentários de Aristóteles a respeito de Sócrates fazem parte do próprio movimento dialético de construção de suas doutrinas, não possuindo, portanto, fidelidade histórica[31].

[28] Essa lista foi pega de empréstimo no artigo de Dorion (2016, p. 36).

[29] Cf. "SÓCRATES – [...] É justo fazer tais coisas a seus inimigos [escravizar, enganar, roubar], mas é injusto fazê-las a seus amigos, com quem a conduta deve ser escrupulosamente honesta" (*Mem*. IV II 16. Cf. também: II 1 28; II 2 2; II 3 14; II 6 35).

[30] Dois textos são bem expressivos neste sentido: (I) "[...] o fazer o mal ou a injustiça são, em todos os sentidos, prejudiciais e vergonhosos para aquele que os comete" (*Cri*. 49b. Trad. própria a partir da G. M. A. Grube presente no *Plato's Complete Works* de Cooper (1997)) e (II) "Ninguém nunca deve fazer o mal em retorno, nem fazer mal algum para qualquer homem, não importa o que ele tenha feito a ti" (*Cri*. 49c-d).

[31] Outros intérpretes vão além e não somente acusam Aristóteles de apresentar uma visão parcial a respeito da filosofia socrática, mas também de cunhar uma tradição biográfica irreverente sobre Sócrates. Eles se apoiam, em geral, em dois textos para fundamentar essa posição.

O primeiro texto consiste na nota biográfica contida em *D. L.* II 26, em que Diógenes cita Aristóteles como aquele que primeiramente descreveu Sócrates como bígamo. A veracidade da fala de Diógenes, entretanto, pode ser contestada. O segundo texto já faz parte do *corpus aristotelicum*: "As famílias bem-dotadas degeneram em caracteres mais exaltados, como, por exemplo, os descendentes de Alcibíades e os de Dionísio o Antigo; aqueles que são de um caráter sério degeneram em tolice e grosseria, por exemplo os descendentes de Cimon, de Péricles e de Sócrates" (*Rh*. II 15 1390b27-31).

Dorion (2011, p. 94) argumenta que a comparação de Sócrates com Péricles foi pejorativa na exata medida em que equiparou Sócrates com o modelo, por excelência, do pai que fracassou na educação de seus filhos (No *Mênon*, Platão usa Péricles como modelo neste sentido). Por isso, Dorion evoca a possibilidade de Aristóteles ter originado uma corrente biográfica que culminou em comentários hostis contra Sócrates, como alguns de Aristoxeno. Dorion conclui afirmando: "A comprovada hostilidade de Aristoxeno para com Sócrates seria difícil de compreender se o fundador do Liceu não tivesse dado pessoalmente o exemplo e mostrado o caminho. Assim, Aristóteles não só seria o pioneiro da crítica propriamente filosófica de Sócrates, mas também o iniciador de uma tradição biográfica

Chegamos, então, a um cenário complexo. Todas as fontes das quais poderíamos extrair uma possível solução para o "Problema Socrático" revelam-se, sob diferentes perspectivas, comprometidas por críticas e inconsistências. Diante disso, o objetivo deste artigo não é postular uma nova resolução definitiva para esse impasse historiográfico, mas sim defender a hipótese de que a correta compreensão e o mapeamento desse debate contemporâneo exigem, preliminarmente, o resgate sistemático de seu marco inaugural: o ensaio de Friedrich Schleiermacher: *O valor de Sócrates como filósofo*, publicado pela primeira vez no ano de 1818[32].

O texto do autor alemão foi um dos primeiros a defender a contradição entre as diferentes fontes sobre Sócrates, consolidando-se como o principal responsável por estabelecer o Problema Socrático em termos modernos. A intenção geral do autor é mostrar que existe uma inconsistência entre o relato de Xenofonte e o relato de Platão a respeito de quem foi Sócrates, sendo necessário dar mais preponderância à descrição deste do que daquele, se quisermos resguardar o valor de Sócrates para constituição da tradição filosófica. Schleiermacher não descarta de todo aquilo que Xenofonte tem a dizer, porém, ele reconhece as limitações de Xenofonte em descrever a importante busca de Sócrates por consolidar os princípios básicos para a fundamentação de qualquer conhecimento verdadeiro – busca que tem um valor filosófico tão ilustre, que foi responsável pela transição de um conjunto de opiniões e investigações filosóficas incipientes e primitivas para a constituição de verdadeiras escolas filosóficas, como a de Platão, a de Aristóteles e a de Mégara.

A Posição de Schleiermacher

O argumento principal de Schleiermacher já aparece desde o início de seu artigo. Segundo o autor, o retrato usualmente feito de Sócrates naquele momento era inconsistente com a importância atribuída para ele na história da filosofia. Em geral, Sócrates era visto como um homem virtuoso, íntegro, que buscava o bem de seus concidadãos e cujas interpelações

mais irreverente que se distingue nitidamente da obra apologética na qual se inscrevem os diálogos socráticos de Platão e de Xenofonte" (2011, p. 95).

[32] O artigo de Schleiermacher foi traduzido pela primeira vez para o inglês para compor a última edição da revista *The Philological Museum*, em 1833, editada por dois professores da Trinity College, Cambridge: Julius Charles Hare (1785-1855) e Connop Thirlwall (1797-1875) (Esses dados estão em: DISTAD, 1972). Dentre outros objetivos, eles buscavam introduzir na Inglaterra os escritos acadêmicos e críticos provenientes da Alemanha no campo da Filologia. Essa revista foi reimpressa recentemente, em 2012, pela Cambridge University Press. O artigo de Schleiermacher ganhou mais destaque quando foi usado, em 1879, para compor a edição de William Smith com a tradução da *Apologia de Sócrates*, do *Críton* e de parte do *Fédon*.

reverberam a moral tradicional grega. Entretanto, argumenta Schleiermacher, apesar de ser muito bonita, essa visão não é, em si, de nenhum interesse filosófico. Ela não explicaria as grandes homenagens prestadas a sua figura durante gerações e tampouco explicaria o motivo dos manuais acadêmicos de filosofia concordarem, há muito tempo, em atribuir a Sócrates um papel preponderante na especulação filosófica em uma cultura intelectualmente já avançada. "Portanto, o único curso racional que parece ter sobrado", conclui Schleiermacher, "é o de desistir de uma ou de outra dessas suposições contraditórias" (SCHLEIERMACHER, 2012, p. 540)[33].

Há quem tenha preferido manter esse retrato "bondoso" e revisar a real importância de Sócrates para a consolidação da especulação filosófica (SCHLEIERMACHER, 2012, p. 541). Schleiermacher cita, por exemplo, o historiador e filólogo William Traugott Krug[34]. Traçando a linha divisória entre as diferentes fases da filosofia antiga grega, Krug distinguiu o primórdio da filosofia grega da fase em que a filosofia já estaria consolidada e revestida de um contorno autenticamente científico. Krug posiciona Sócrates como um pensador final do primeiro período: ele não é o inaugurador de uma nova era, mas o produto final da era anterior. Estando posicionado junto aos filósofos da natureza e aos sofistas, a importância histórica de Sócrates é consideravelmente deflacionada. O novo período se iniciaria com seus discípulos, como Xenofonte e Platão.

Segundo Schleiermacher, o historiador Georg Anton Friedrich Ast também procedeu de um modo semelhante. Para Ast, a forma de especulação filosófica autenticamente ateniense teria sua gênese e ápice em Platão. Na medida em que Platão confessadamente expressa a importância de Sócrates no seu desenvolvimento intelectual, Ast é forçado a conceder certa importância para ele e afirmar que, nele, nós temos a semente daquilo que foi Platão. Ele afirma, porém, que o proceder filosófico em Sócrates se resumia ao exercício de certas qualidades que pertenceriam a qualquer homem realmente virtuoso. Nesse sentido, não haveria nele nada de propriamente filosófico. A essência do seu caráter seria o entusiasmo e a ironia e, assim, não seria adequado atribuir a Sócrates a gênese de um novo período na filosofia ateniense. Sócrates, novamente, estaria no mesmo conjunto de pensadores que os naturalistas e sofistas.

[33] "The only rational course then that seems to be left, is to give up one or other of these contradictory assumptions".
[34] Schleiermacher se refere à obra *Geschichte der Philosophie alter Zeit, vornehmlich unter Griechen und Römern* ("História da Filosofia Antiga, principalmente entre os gregos e romanos), de Krug.

Contudo, Schleiermacher acredita existir uma fraqueza principal nesta linha de interpretação: a incapacidade de explicar adequadamente a relação de Platão e Sócrates. Porque, seguindo a caracterização de Krug e Ast, a importância de Sócrates se reduziria estritamente ao domínio moral: ele era exemplo de um caráter virtuoso e íntegro. Porém, esse retrato não explicaria a primazia que o próprio Platão teria dado a Sócrates em seus diálogos, dando a entender que Sócrates foi seu mestre nos assuntos intelectuais. Se não fosse assim, os próprios contemporâneos de Platão teriam considerado seus escritos um absurdo. Conclui Schleiermacher:

> Logo, somos forçados a manter a conclusão de que, se uma grande pausa deve ser feita na filosofia grega para separar os princípios dispersos das escolas insipientes dos sistemas [filosóficos] tardios, isso deve ser feito com Sócrates; mas assim nós também devemos atribuir a ele alguns elementos de um tipo mais estritamente filosófico que a maioria dos autores fazem. (SCHLEIERMACHER, 2012, p. 542)[35]

Ou seja, na dicotomia que foi estabelecida ao início, não haveria outra opção que não revisar o retrato mesmo de Sócrates e analisar se, por acaso, assim como seus acusadores não foram injustos com ele ao imputá-lo o crime de corromper a juventude, assim também não teriam os historiadores sido injustos com Sócrates ao mitigar sua importância filosófica (SCHLEIERMACHER, 2012, p. 543).

Para Schleiermacher, a raiz deste retrato equivocado são as próprias descrições que Xenofonte fez a respeito das atividades de seu mestre. Em última instância, esta visão "bondosa" de Sócrates viria da preponderância dada aos textos de Xenofonte, despidos de qualquer detalhe a respeito do método autenticamente filosófico de seu mestre. Schleiermacher aponta ao menos cinco razões para acreditar que Xenofonte oferece uma perspectiva *parcial* do que Sócrates realmente foi:

> Razão 1. É verdade que, em *Memoráveis*, Xenofonte afirma que pretender ser somente um narrador dos diálogos de Sócrates com outras pessoas. Porém, explica Schleiermacher, ele não poderia narrar ou descrever o que não compreende. Xenofonte era um soldado e um reputado político. Tinha uma impressionante pureza de caráter e princípios políticos razoáveis. Contudo, Xenofonte não era um *filósofo*. Portanto, poderia existir certos elementos eminentemente filosóficos no proceder de Sócrates que, ou Xenofonte não entendia – com o que concluiríamos que ele não

[35] "Hence we are forced to abide by the conclusion, that if a great pause is to be made in Greek philosophy, to separate the scattered tenets of the earlier schools from the later systems, this must be made with Socrates; but then we must also ascribe him some element of a more strictly philosophical kind than most writers do".

> poderia descrevê-los –, ou Xenofonte os percebeu, mas preferiu omiti-los, pois sabia que era incapaz de descrevê-los com a exatidão que merecia Sócrates;
>
> Razão 2. Schleiermacher também argumenta que Xenofonte deixou claro que seria um narrador *apologeta*, isto é, que ele não estaria preocupado com a descrição inteira da personalidade de Sócrates, mas somente daquela parte que convém para protegê-lo das acusações formais que foram perpetradas;
>
> Razão 3. Schleiermacher aponta que, se não houvesse mais em Sócrates do que aquilo que realmente Xenofonte expôs, então não seria possível que Platão tivesse sucesso com os contemporâneos de Sócrates ao publicar uma série de diálogos que o retraria de um modo completamente diferente daquilo que ele efetivamente foi;
>
> Razão 4. Schleiermacher aponta que o "tédio de Xenofonte" (SCHLEIERMACHER, 2012, p. 546)[36] nos faz pensar em um personagem que não teria nenhuma capacidade para atrair mentes tão especulativas como Platão e Euclides, ou mentes de habilidades práticas tão proeminentes quanto Crítias e Alcibíades;
>
> Razão 5. Enfim, Schleiermacher considera que uma leitura holística da obra de Xenofonte passa exatamente esta impressão: a de que o autor teve acesso a assuntos filosoficamente muito sofisticados e que ele os traduziu para um estilo não filosófico, próprio do senso comum – seja por limitação intelectual, seja por conta do escopo e do objetivo de seus próprios textos.[37]

Considerando que as narrativas de Xenofonte possuem essas fragilidades e que as de Platão são de maior significância filosófica, Schleiermacher propõe que se deve dar preferência aos textos platônicos para reconstituir a doutrina do próprio Sócrates. A dificuldade então seria diferenciar aqueles aspectos próprios de Platão daqueles que pertenceriam a Sócrates. E para isso, Schleiermacher propõe este procedimento:

[36] Como mostraremos, essa linha de raciocínio de Schleiermacher será (e ainda é) bastante influente. Vários anos depois, o Prof. Gregory Vlastos irá afirmar que o Sócrates de Xenofonte nunca teria sido indiciado pelos atenienses (cf. VLASTOS, G. "The paradox of Socrates". In: VLASTOS, G. (Ed.). *The Philosophy of Socrates*. New York: Doubleday, 1971. p. 3). Outro estudo muito influente afirmará: "Mas, seja qual for seus méritos enquanto escritor, e apesar de provavelmente ter sido um amigo devoto de Sócrates, Xenofonte *não* era um filósofo, o que ajuda a explicar porque seu relato das conversas de Sócrates parece filosoficamente enfadonho" (BRICKHOUSE e SMITH, 2000, p. 38).

[37] A linha argumentativa proposta por Schleiermacher encontra forte eco nas formulações de Brickhouse e Smith (2000). Nas suas ponderações sobre as evidências de Xenofonte sobre Sócrates (2000, p. 38-44), por exemplo, a linha de raciocínio de Schleiermacher está, conscientemente ou não, contida em diversas passagens, como prova estas duas citações: "Mas é impossível ver como a pessoa que Xenofonte descreve na *Apologia* [...] teria ganhado a devoção de tantos jovens filósofos" (2000, p. 39-40. Trad. própria); "O Sócrates de Xenofonte é tão convencional, pelo menos no que diz respeito à acusação de irreligião, que é impossível ver porque alguém pensaria que ele seria uma ameaça para a cidade e, portanto, porque Meleto, Ânito e Licão pensariam que eles pudessem fazer as acusações contra Sócrates serem aprovadas" (2000, p. 42. Trad. própria).

> O único método seguro para investigar parece ser: O que Sócrates poderia ter sido, para além daquilo que Xenofonte descreveu, sem, contudo, contradizer os traços de seu caráter e as máximas práticas que Xenofonte distintivamente entrega como as de Sócrates: e o que ele deveria ter sido para dar a Platão o direito e o incentivo de exibi-lo como o fez nos seus diálogos? (SCHLEIERMACHER, 2012, p. 547)

A última questão nos leva exatamente àquelas considerações que Schleiermacher propôs contra o esboço geral da filosofia antiga feita por Krug e Ast. Procura-se aquele item da doutrina de Sócrates com certeza ausente das especulações filosóficas anteriores, de caráter essencialmente filosófico, que foi a razão de Sócrates ser considerado a gênese de um novo movimento vital na história da filosofia e que foi, ao mesmo tempo, o motivo de Platão ter dado tanta preponderância à figura de Sócrates, elegendo-o como seu mestre. Para Schleiermacher, esse item seria a noção de *Ciência Unificada* (*epistēmē*). Nos pensadores anteriores a Sócrates, não haveria consciência plena a respeito do conceito de *epistēmē* e de quais seriam seus contornos definitórios, razão pela qual as produções filosóficas eram obscuras. Já no período ulterior, haveria consciência a respeito desse conceito e uma busca dos critérios que governam a diferença entre um corpo qualquer de proposições e um corpo de proposições unificadas de sorte que constituíssem uma *epistēmē*.

Segundo Schleiermacher, esse conceito já estaria presente nos ensinamentos filosóficos de Sócrates e constituiria a base daquilo que ele legou para as gerações seguintes. Platão teria relatado esse aspecto da filosofia socrática ao fazê-lo incessantemente buscar uma série de definições morais voltadas para a ação prática. Segundo Platão, Sócrates teria introduzido um critério essencial para que um conjunto de proposições conte como um caso de *epistēmē*. Sócrates ensinou que "a ciência é a mesma em todo pensamento verdadeiro e consequentemente deve manifestar sua forma peculiar em todo pensamento desse tipo" (SCHLEIERMACHER, 2012, p. 549)[38]. Se todo corpo de proposições científicas possuem a mesma forma peculiar, uma consequência lógica desse critério é que toda proposição científica deve ser compatível com outra proposição científica. Verdades não são incompatíveis entre si: trata-se de uma diretriz balizadora nos diálogos socráticos para o descarte de teses falsas.

[38] "[…] that science is the same in all true thoughts, and consequently must manifest its peculiar in every such thought".

Esse elemento filosófico exposto por Platão, autenticamente de Sócrates, é o que faltaria para completar o relato de Xenofonte, e o próprio Aristóteles o confirmaria depois. É o que Xenofonte não teve perspicácia intelectual para perceber ou transmitir adiante pelos seus escritos. "Se nós concebermos isso como sendo o ponto central no caráter de Sócrates, nós podemos reconciliar Platão e Xenofonte, e podemos compreender a posição histórica de Sócrates" (SCHLEIERMACHER, 2012, p. 550)[39]. Sócrates impôs a necessidade de se buscar os fundamentos do conhecimento e ensinou que uma teoria epistemológica adequada deveria resguardar as noções de *unidade* e *coerência*.

Esse ensaio de Schleiermacher foi de grande importância para consolidação do Problema Socrático. Com muito peso, colocou em xeque o que chamou de banalidade das representações típicas de Sócrates, argumentando contra a principal fonte de estudo que os *scholars* utilizavam, até então, para determinar a doutrina de Sócrates: Xenofonte. Para Schleiermacher, a falta de interesse filosófico desses retratos não é compatível com a posição primaz de Sócrates na história da filosofia. Segundo o autor, essa posição só poderia ser compreendida se, a partir dos diálogos platônicos, recuperássemos o fato de que Sócrates fundou a filosofia enquanto busca por um conhecimento verdadeiro, coerente e unificado. Sócrates seria o fundador da dialética enquanto *arte* (*technē*), o que explicaria o fato dele não ter dado tanta importância às exposições teóricas sobre o assunto, mas sim à prática da dialética enquanto tal. Ao final de seu ensaio, Schleiermacher diz que Aristóteles ensina que essa foi a verdadeira contribuição de Sócrates para o avanço da filosofia grega.

O artigo de Schleiermacher constituiu o marco inaugural do movimento de relativização da importância histórica dos escritos de Xenofonte, tendência que se desenvolveu com vigor no meio acadêmico do início do século XX. Essa vertente consolidou-se com as publicações de Robin (1910)[40] na França; Taylor (1911)[41] e Burnet (1911; 1914)[42] na Inglaterra; e Maier (1913)[43] na Alemanha. A partir do impulso inicial de Schleiermacher, a crítica historiográfica radicalizou-se a ponto de propor a rejeição integral do testemunho de Xenofonte, como

[39] "So that if we conceive this to have been the central point in the character of Socrates, we may reconcile Plato and Xenophon, and can understand the historical position of Socrates".
[40] ROBIN, L. Les Mémorable de Xénophon et notre connaissance de la philosophie de Socrate. *Annee philosophique*, vol. 21, 1910, p. 1-47.
[41] TAYLOR, A. E. *Varia Socratica*. Londres: J. Parker, 1911.
[42] BURNET, J. *Plato's Phaedo*. Oxford: Oxford University Press, 1911. Conferir também: BURNET, J. *Greek Philosophy: Thales to Plato*. Londres: Macmillan, 1914.
[43] MAIER, H. *Sokrates, sein Werk und seine geschichtliche Stellung*. Tübingen: Verlag Von J. C. B. Mohr (Paul Siebeck): 1913.

defendido por Burnet e Dorion[44]. Desse modo, confirma-se a hipótese deste trabalho: compreender a gênese desse deslocamento metodológico operado em 1818 é premissa obrigatória para situar o debate contemporâneo. Afinal, mesmo as correntes céticas atuais – que hoje declaram a insolubilidade do Problema Socrático devido à natureza eminentemente ficcional dos *logoi sōkratikoi* – estruturam seus argumentos em contraste direto ou superação ao paradigma platônico-centrado que Schleiermacher inaugurou[45].

Referências Bibliográficas

AHBEL-RAPPE, Sara; KAMTEKAR, Rachana. **A Companion to Socrates**. Blackwell Publishing, 2006.

ALENCAR, Cesar Augusto M. de. **A caricatura da philosophía, ou de como Aristófanes encena um Sócrates pré-socrático**. Rio de Janeiro: PPGLM/UFRJ, 2013. Dissertação de Mestrado.

ARISTOPHANES. **Clouds, Wasps, Birds**. Vol I. Trad. P. Meineck. Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Company, 1988.

ARISTÓTELES. Metafísica – Livros I, II e II. Trad. Lucas Angioni. **Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução**, nº 15, Campinas/SP, IFCH/UNICAMP, 2008.

_____. **Metafísica**. Vol. II. Trad. Giovanni Reale. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

BENSON, Hugh H. Método socrático. Trad. André Oídes. In: MORRISON, D. R. (Org.). **Sócrates**. São Paulo: Ideia & Letras, 2016. p. 237-261.

BORGES, A. P. **Platão: O Banquete. Tradução, introdução e notas**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

[44] Cf. Dorion, 2016, p. 28.

[45] Embora extrapole os limites do presente artigo, cumpre ressaltar que a tese de Schleiermacher de valorizar uma fonte em detrimento de outra é amplamente contestada pela ala cética da historiografia contemporânea, como Dorion (2011; 2016), Döring (2016), Kahn (1992; 1996) e Morrison (2000). Para esses autores, o Problema Socrático baseia-se no pressuposto equivocado de buscar precisão biográfica em um gênero essencialmente ficcional (*logoi sōkratikoi*). Dorion (2016, p. 33) assevera que, por serem obras literárias com alto grau de invenção, o problema carece de documentos seguros para uma solução histórica. No mesmo sentido, Döring (2016, p. 53) enfatiza que os cenários e diálogos socráticos são puramente fictícios, concebidos para debater filosofia, e não para registrar conversas reais. Sobre a impossibilidade de resgatar o Sócrates histórico por meio dessas fontes, Kahn é enfático: "Nossa evidência é tal que, na opinião deste comentador, a filosofia do próprio Sócrates, sendo distinta do seu impacto nos seus seguidores, não cai sob o escopo do saber histórico [*historical scholarship*]. Nesse sentido, o problema de Sócrates deve permanecer sem solução" (1992, p. 240. Trad. nossa trad. nossa). Em sua obra posterior (1996), o autor reafirma a natureza ficcional do gênero, embora reconheça na *Apologia* de Platão um caráter mais discursivo e fidedigno. Por fim, Morrison (2000, p. 235) corrobora que os anacronismos e inconsistências dos textos desse gênero indicam que seu rigor histórico era consideravelmente flexível.

BRICKHOUSE, Thomas C.; SMITH, Nicholas D. **The Philosophy of Socrates**. Colorado; Oxford: Westview Press, 2000.

COOPER. John M (Ed.). **Plato: Complete Works**. Indianapolis / Cambridge: Hackett Publishing Company, 1997.

DISTAD, N. Merrill. The Philological Museum of 1831-1833, **Victorian Periodicals Newsletter**, The Johns Hopkins University Press, n. 18, [v. 5, n. 4], Dec. 1972. p. 27-30.

DÖRING, Klaus. Os alunos de Sócrates. Trad. André Oídes. In: MORRISON, D. R. (Org.). **Sócrates**. São Paulo: Ideia & Letras, 2016. p. 51-78.

DORION, Louis-André. Ascensão e queda do problema socrático. In: MORRISON, Donald R. (Org.). **Sócrates**. Trad. André Oídes. São Paulo: Ideias & Letras, 2016. p. 23-49.

_____. **Compreender Sócrates**. Trad. Lúcia M. Endloch Orth. 3ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

DOVER, K. J. **Aristophanes: Clouds**. Edited with introduction and commentary by K. J. Dover. Oxford: Clarendon Press, 1968.

HICKS, R. D. (Ed.). **Diogenes Laertius: Lives of Eminent Philosophers**. Vol. 1. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press; London: William Heinemann LTD., 1959.

KAHN, Charles. Vlastos' Socrates, **Phronesis**, v. 37, n. 2, 1992. p. 233-258.

_____. **Plato and the Socratic Dialogue: The Philosophical Use of a Literary Form**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

KRAUT, Richard. Introdução ao estudo de Platão. In: KRAUT, R. (Org.). **Platão**. Trad. Saulo Krieger. São Paulo: Ideias & Letras, 2013. p. 15-68.

MARCHANT, E. C.; TODD, O. J. (Ed.). **Xenophon: Memorabilia, Oeconomicus, Symposium, Apology**. Cambridge, Massachusetts; London, England: Harvard University Press, 1923.

MORRISON, Donald. On the Alleged Historical Reliability of Plato's *Apology*, **Archiv für Geschichte der Philosophie**, v. 82, 2000. p. 235-265.

NAILS, Debra. The Trial and Death of Socrates. In: AHBEL-RAPPE, S.; KAMTEKAR, R. (Org.). **A Companion to Socrates**. Blackwell Publishing, 2006. p. 5-20.

PENNER, Terry. Sócrates e os primeiros diálogos. In: KRAUT, R. (Org.). **Platão**. Trad. Saulo Krieger. São Paulo: Ideias & Letras, 2013. p. 147-199.

PLATÃO. **Fédon**. Trad. Carlos Alberto Nunes. 3ª ed. Belém: ed.ufpa, 2011.

_____. **Mênon**. Trad. Maura Iglésias. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Edições Loyola, 2001.

_____. **O Banquete**. Trad. A. P. Borges. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

_____. **Teeteto**. 4ª ed. Trad. A. M. Nogueira e M. Boeri. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2015.

PRIOR, William J. O problema socrático. In: BENSON, Hugh H. (Org.). **Platão**. Trad. Marco Antonio de Ávila Zingano. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 40-50.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. Worth of Socrates as a Philosopher, **The Philological Museum**, Vol. 2, 2012, p. 538-555.

VLASTOS, Gregory. **Socrates: Ironist and Moral Philosopher**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

_____. **Socratic Studies**. Ed. Myles Burnyeat. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

WAERDT, Paul Vander. Socrates in the Clouds. In: Waerdt, P. A. (Org.). **The Socratic Movement**. Cornell University Press, 1994. p. 48- 86.

XENOPHON. **Memorabilia, Oeconomicus, Symposium, Apology**. Trad. E. C. Marchant e O. J. Todd. Cambridge, Massachusetts; London, England: Harvard University Press, 1923. Loeb Classical Library.